

Documentação

Fonte: FSP

Data: 22/4/2000 Pg 5-6

Class: WYR 00014

500 ANOS Prédio circular, no parque Ibirapuera, em SP, faz parte do evento que será inaugurado amanhã

Oca de Niemeyer ganha cores indígenas

Fotos Divulgação



Máscara usada em ritual de iniciação da tribo uaiana, no Pará

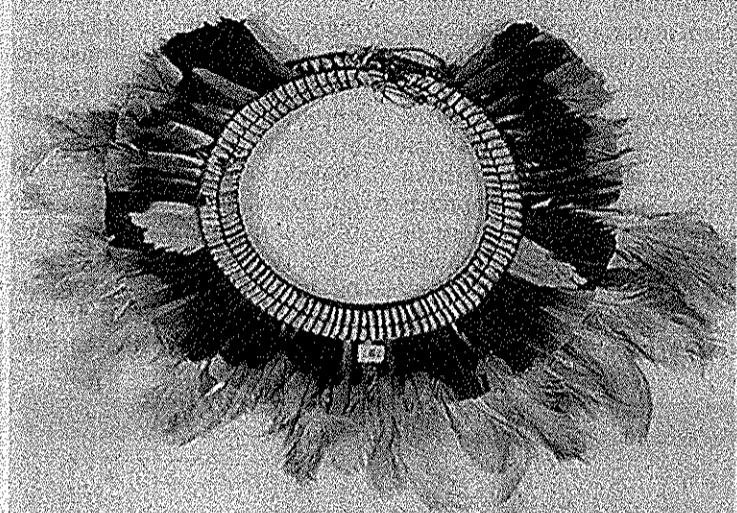
CELSO FIORAVANTE
da Reportagem Local

O prédio em forma de cúpula no parque Ibirapuera, uma das maiores jóias arquitetônicas brasileiras, de autoria de Niemeyer, terá a partir de amanhã uma função mais nobre do que ser o símbolo paulistano da inoperância, característica que o marcou nos últimos 14 anos, período em que foi sede do Museu de Aeronáutica e do Museu de Folklore. É que amanhã começa a Mostra do Redescobrimto, e o prédio abriga três dos módulos do evento: dois de arqueologia e um de artes indígenas.

No último subsolo, predominam os tons ocres das cerâmicas provenientes dos sítios arqueológicos brasileiros. Nos pavimentos acima, muitas cores e lembranças de culturas vivas ou suprimidas pelo contato com os colonizadores brancos. Lá estarão o vermelho das penas do guará no manto tupinambá, que volta ao Brasil pela primeira vez desde o século 17, quando foi levado para a Dinamarca pelo holandês Maurício de Nassau. Também estão os pontilhados e tracejados dos uaianas (como registra o dicionário "Aurélio; ou wayanas, como grafa Lúcia Hussak van Velthem, curadora do módulo Artes Indígenas e



Divulgação



Diadema emplumado da tribo waiwai proveniente da Alemanha

pesquisadora da cultura da tribo por 20 anos).

Os uaianas servem de introdução ao módulo. Das cerca de 600 obras da mostra, 120 são deles.

As obras vieram de cinco museus brasileiros e sete museus europeus. Peças mais antigas, anteriores ao final do século 19, não existem no Brasil, mas são conservadas em museus etnográficos europeus, como os de Copenhague, Berlim, Dresden, Viena, Roma, Lisboa e Coimbra, que cederam obras para o evento.

"Os objetos europeus foram colecionados pela nobreza a partir do século 16 e foram recolhidos principalmente por pesquisadores que se aventuravam pela América do Sul a partir do norte do continente", disse a curadora.

"Os uaianas são um exercício demonstrativo de toda a cultura e artes indígenas e sua produção exemplifica bem o conceito de 'objetos valorizados', aquilo que mais se aproxima da noção de arte em nossa cultura. Não são apenas os objetos rituais e a plumária

Decreto da Abolição vem ao Brasil

da Reportagem Local

O módulo Negro de Corpo e Alma ganhou mais um destaque: o decreto de Abolição da escravidão no Brasil, assinado pela Princesa Isabel em 1888. A inclusão do documento, que está em Lisboa, aconteceu esta semana, por sugestão de Elio Gaspari, colunista da Folha. Do acervo da princesa também virá uma pena de ouro com esmeralda incrustada.

que são arte", complementou.

A mostra do Redescobrimto será inaugurada amanhã (para convidados) pelos presidentes Fernando Henrique e Jorge Sampaio, de Portugal. Para o público, o evento abre na terça.

A mostra estará aberta de terça a sexta, das 14h às 22h, e sábados, domingos e feriados, das 9h às 22h. Outras informações podem ser obtidas no site do evento: www.br500anos.com.br ou pelo tel. 0800-780500. Fica em cartaz até 7 de setembro.

Tribo assimilou contato sem perder identidade

da Reportagem Local

Os índios uaianas vivem no recôncavo do Tumucumaque, entre os rios Jari e Paru, afluentes da margem esquerda do rio Amazonas, na fronteira do Pará com a Guiana e o Suriname. Segundo a curadora Lúcia Hussak van Velthem, ao todo, em território brasileiro, vivem cerca de 500 uaianas a aparais (etnia com a qual dividem o mesmo território).

Os uaianas foram contatados pelos brancos no início do século, mas a aproximação se intensificou a partir dos anos 60. "Durante o período militar, o acesso ao local era mais fácil, pois a FAB (Força Aérea Brasileira) tinha dois vôos mensais para a região. Agora nunca se sabe quando terá um vôo", disse a curadora.

Eles pertencem ao grupo indígena caraíba, que, na época da colonização das Américas, ocupava as Pequenas Antilhas, as Guianas e litoral centro-americano.

O contato com o homem branco promoveu, assim como em várias outras tribos indígenas, uma espécie de hibridização. Eles produzem objetos com materiais não-indígenas, como miçangas, que são incorporados pela sociedade dentro de uma lógica interna própria, e também criam objetos para a venda. "As culturas in-

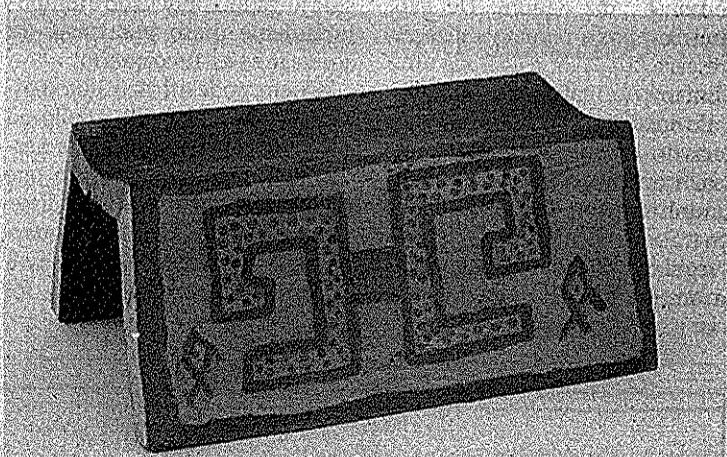
dígenas não permanecem estáticas. Elas mudam constantemente, assim como as outras culturas", disse Van Velthem.

Os uaianas falam carib, uma língua muito complexa, que possui sete declinações, muitos pronomes, vários tempos verbais, junção de palavras, regras de educação e tratamento muito complexas. O próprio termo "uaiana" significa "eu gente", pois estabelece a relação da pessoa com as esferas naturais e sobrenaturais.

"Os uaianas só comem devagar e sentados. Também estão constantemente cuidando de seu eu e dos outros eus" ("uaianaman" significa "o outro"), diz ela.

A iconografia uaiana permite à tribo a visualização dos mitos e a representação de seu cotidiano. Um dos desenhos mais recorrentes na iconografia da tribo é a onça de duas cabeças (veja fotos de banco e de abano à direita). "Trata-se de um ser antropofágico, o mais feroz e bonito da cultura uaiana. O fato de ser bicéfalo é sinal de sua ferocidade", disse.

Sua iconografia pode ser resumida em três padrões. A pintura lisa representa a humanidade (o uaiana e os outros); o pontilhado significa a onça e, consequentemente, o mundo natural; o listrado é o arco-íris ou a grande serpente (osobrenatural). (CF)



Banco para uso dos homens em rituais uaianas, que está na mostra



Abano em palha trançada traz representação da onça bicéfala